



O suicídio é uma questão tratada pela filosofia? Que reflexões a filosofia pode fazer sobre o assunto?

O escritor Albert Camus, nas primeiras linhas de seu livro *O mito de Sísifo*, declara que o tema do suicídio é a questão fundamental da filosofia. Essa sentença, evidentemente, é muito discutível, bem como não encontra ampla aceitação nos círculos filosóficos. Refiro-me a ela, porém, porque nos remete ao campo de reflexões que examinam o valor da vida humana, as possibilidades existenciais, a construção de sentidos no mundo e a própria finitude dos seres humanos. No interior dessas investigações filosóficas em torno da humanidade, o suicídio é problema que recebe atenção, direta ou indireta, de muitos pensadores.

As formas como, nos dias atuais, as pessoas se relacionam entre elas e consigo mesmas têm características que impulsionam fatores de risco ao suicídio?

Sim. Entendo que é imprescindível considerarmos que o suicídio não se restringe a dimensões individuais. O francês Émile Durkheim publica, no final do século XIX, um estudo sociológico que situa o suicídio como fato social. A despeito de concordâncias ou discordâncias em relação às suas teses, trata-se de texto inaugural à medida que pesquisa metódicamente o suicídio como aspecto que deve ser compreendido na esfera da vida humana em sociedade. Acerca das reflexões sobre o tema, há elementos econômicos, sociais, culturais e políticos que não devem ser desprezados. Em termos resumidos, podemos indagar: a civilização contemporânea promove relações sociais que favorecem a elaboração de sentidos gratificantes para a vida ou, diferentemente, seus padrões de organização reprimem as melhores possibilidades humanas?

Como falar de suicídio sem potencializar os fatores de risco?

Essa questão ultrapassa o horizonte da filosofia, exigindo-nos o diálogo com ciências humanas e sociais como, por exemplo, a psicologia. Considerando-a no universo da filosofia, penso que a discussão sobre o suicídio é indissociável das preocupações atinentes à existência humana no mundo. Ou seja, deve ser enfrentada como algo que diz respeito à humanidade. De forma exemplificativa, menciono a proposição do filósofo Jean-Jacques Rousseau de que os seres humanos, em uma hipotética situação natural, identificam-se plenamente com o sofrimento dos demais seres de sua espécie, sentem como suas as dores de seus semelhantes. Quer dizer, de alguma forma, partilhamos dramas autenticamente humanos.

Falar sobre suicídio, sobre morte, implica, de alguma forma, falar sobre a vida?

Sim. Acredito que, em alguma medida, minhas respostas anteriores sugerem essa perspectiva. Temas como morte e suicídio são prioritariamente examinados pela filosofia em suas relações com a vida. O filósofo Martin Heidegger, por exemplo, desenvolve a noção de *ser para a morte* ao tratar da condição existencial dos seres humanos. O que isso quer dizer? Existindo entre possibilidades, os seres humanos têm na morte sua possibilidade extrema, impossibilidade de todas as suas possibilidades. Não se trata de exaltação filosófica da morte, mas sim, digamos, de assimilação existencial de nossa finitude ou de nossos limites, o que nos oferece caminhos para escolhas autênticas e significativas no percurso existencial.

O suicídio é um problema moral?

Se, com essa pergunta, estamos nos referindo ao aspecto rigorosamente individual, minha resposta é não. Entendo que é uma redução inapropriada do problema, que envolve múltiplos aspectos interpenetradinhos – psicológicos, sociais e culturais. Por outro lado, o suicídio, como outras ações humanas, revela a vigência de aspectos morais que exigem compreensão e discussão pelos agentes e instituições sociais. Identificar quais os dilemas e, por consequência, quais noções estão postas em uma ação permite estabelecer, ainda que de forma preliminar, um diagnóstico do que tem acometido os indivíduos na sociedade contemporânea.

O suicídio pode ser considerado um fracasso de quem não conseguiu ajudar a pessoa que se matou?

Uma condenação dessa natureza seria arbitrária e simplificadora – na acepção negativa da expressão. Não me parece que essa seja um expediente apropriado para pensarmos acerca desse problema. Reitero que os caminhos que considero razoáveis para o tratamento da temática articulam aspectos referentes à nossa condição humana no mundo e à construção de sentidos existenciais no plano das relações sociais. Um critério que, a meu ver, é pertinente para as reflexões sobre o suicídio consiste na avaliação segundo a qual o que afeta um ser humano interessa a toda a humanidade.

Quem é Amir Abdala

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduado em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário e em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Atualmente é professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua na área de Filosofia, lidando especialmente com temas de filosofia contemporânea, filosofia da história, história da filosofia, ética e estética. Foi assessor pedagógico no Sistema Ético de Ensino – Editora Saraiva –, mesma instituição para a qual produziu livros didáticos de Filosofia e de Sociologia. Produziu materiais didáticos de Filosofia para a Editora Pearson e para a SM Edições.